

NASCIMENTO MORAIS FILHO & MARIA FIRMINA DOS REIS: REPENSANDO A JORNADA DE UMA PESQUISA

NASCIMENTO MORAIS FILHO AND MARIA FIRMINA DOS REIS: RETHINKING THE WAY OF A RESEARCH

Natércia Moraes Garrido⁵

Resumo: Este artigo dedica-se a perscrutar, por meio de uma análise crítica, as seções que compõem o livro-pesquisa *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, de autoria do poeta Nascimento Morais Filho, a fim de demonstrar a jornada deste pesquisador rumo à descoberta da vida e obra da autora maranhense Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista da literatura brasileira. Resgatamos também uma pequena biografia do poeta para contextualizarmos as circunstâncias da descoberta e entendermos seus desdobramentos até resultar na publicação do livro em si.

Palavras-chave: Literatura. Pesquisa. História Literária. Crítica.

Abstract: This essay aims to scrutinize through critical analysis the sections which are part of the research-book *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, by the poet Nascimento Morais Filho, in order to show this researcher's journey towards the discovery of the maranhense author Maria Firmina dos Reis' life and works, who is the first female Brazilian novelist. We also take back the poet's small biography to contextualize the discovery's circumstances and to understand its developments until it reaches the book's publishing per se.

Keywords: Literature. Research. Literary History. Critics.

Introdução

O ano de 2022 constitui-se em um dos mais especiais para os pesquisadores e amantes da Literatura Brasileira e, especificamente, da Literatura Maranhense. Se considerarmos que a data de nascimento da autora Maria Firmina dos Reis corresponde a 11 de março de 1822, então celebramos este ano seu bicentenário. Junto a ela, comemoramos também o centenário de nascimento de seu descobridor, o poeta, pesquisador e ecologista José Nascimento Morais Filho (1922-2009), celebrado no dia 15 de julho. O propósito deste breve

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP; Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Docente efetiva do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão e do Instituto Federal do Maranhão, ambos campi localizados em Caxias (MA). Orcid n° 0000-0002-5070-3383. E-mail: naterciagarr@gmail.com

ensaio é explicar sobre o percurso realizado por Morais Filho em torno da vida e obra literária de Maria Firmina dos Reis, ressaltando a importância de seu livro-pesquisa *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* como referência bibliográfica básica para os futuros pesquisadores firminianos.

Antes de envergar a responsabilidade de ser um pesquisador e ecologista, como muitos o lembram, Morais Filho também foi um dos poetas que iniciou o movimento modernista em São Luís do Maranhão ainda na década de 1940, mais precisamente em 1945, ao fundar um importante grêmio acadêmico intitulado Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Ao lado de tantos outros grandes nomes que iniciaram sua trajetória na literatura maranhense nesta época, tais como Bandeira Tribuzi, Ferreira Gullar, José Sarney, Dagmar Desterro, Lago Burnett e Lucy Teixeira, Nascimento Morais Filho se dedicou primeiramente à escrita poética, a qual se dirige aos temas do engajamento social, justiça e liberdade, reflexões bastante caras à ele e às suas convicções.

Acima de tudo, Morais Filho era um grande apaixonado pela cultura de sua terra. E é esta paixão que o motiva a pesquisar costumes, lendas e expressões populares enquanto viajava pelo interior do Maranhão executando seu trabalho oficial: o de funcionário público, no qual ocupava o cargo de Fiscal de Rendas do Estado (atual Auditor Fiscal Estadual). Em um determinado momento de sua vida profissional, entre os anos de 1959 e 1963, Nascimento Morais Filho morou na pequena cidade litorânea de Guimarães (MA) com sua família: a esposa Maria da Conceição e os cinco filhos – José, Ana Sofia, Eleuses, Renan e Loreley. Foi lá pela primeira vez que ele se deparou com o nome de Maria Firmina dos Reis, mas ao conversar com as pessoas inquirindo sobre as origens desta célebre figura feminina, foi informado de que ela havia sido uma grande e respeitada professora no século XIX denominada por todos Mestre-Régia, além de ter sido compositora de canções populares, a exemplo de um auto de bumba-meu-boi e um hino abolicionista.

Anos se passaram e já de volta a São Luís, em 1973, enquanto pesquisava textos natalinos de autores maranhenses em antigos jornais do século XIX nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite, para o que viria depois a se transformar em seu famoso livro *Esperando a Missa do Galo: uma coletânea brasileira de Natal* (1973), Morais Filho se deparou com vários poemas de Maria Firmina dos Reis e textos de recepção crítica concernentes ao romance *Úrsula* (1860), da referida autora. Ele lembrou do nome por conta de sua breve estadia em

Guimarães uma década antes, mas não sabia que Firmina também havia sido uma escritora. Daí em diante seu interesse se volta apenas para o ato de desbravar toda a vida e obra desta maranhense e seus destinos e nomes estarão para sempre entrelaçados na história da Literatura.

Os desdobramentos da pesquisa

Em linhas bem gerais, o que se segue é que Moraes Filho enceta uma grande pesquisa sobre Maria Firmina dos Reis, resgatando sua vida e obra para a posteridade. Ele viaja inúmeras vezes à cidade de Guimarães (MA), entrevista pessoas do convívio da autora que ainda estavam vivas, inclusive seus dois filhos adotivos – sr. Leude Guimarães e d. Dolores (Nhazinha) Goulart – além de ex-alunos e ex-alunas da Mestra Régia – e compila grande parte da obra de Maria Firmina – inclusos aí inúmeros poemas e os contos *Gupeva* (1861) e *A Escrava* (1887).

A descoberta literária de Moraes Filho, anunciada por meio de uma entrevista ao jornal *O Imparcial* datada de 11 de novembro de 1973 causou um grande rebuliço entre seus conterrâneos intelectuais, ganhando uma boa repercussão nacional, já que “foi reproduzida pela Agência Meridional com penetração em todo o país.” (GOMES, 2022, p.294) E havia um motivo para isso: Moraes Filho desejava descobrir onde estaria o raro exemplar de *Úrsula*, que ele não conseguiu encontrar de jeito nenhum nem em São Luís, nem em Guimarães.

Aqui é necessário fazer uma observação importantíssima: ao contrário do que se pode imaginar, o romance *Úrsula* não foi publicado em capítulos nos folhetins e semanários do século XIX, algo muito normal entre os autores oitocentistas e que faz parte da própria gênese do gênero romance. Segundo Gomes (2022), *Úrsula* teve sua publicação em livro, impresso pela Tipografia do Progresso, localizada em São Luís, cujo dono, Belarmino de Matos, também publicava o jornal *A Imprensa*. É neste periódico que, em 1860, anuncia-se a venda do referido romance, escrito por “Uma Maranhense”, pelo preço de dois mil réis. Com as apreciações críticas que saem a lume em outros jornais da época, a exemplo do *Jornal do Comércio*, logo o nome da autora é revelado.

Mas a resposta para o enigma sobre o paradeiro de *Úrsula* chega a Moraes Filho por intermédio do escritor maranhense Antônio de Oliveira, o qual conhecia também o bibliófilo paraibano Horácio de Almeida, este último o detentor do, ao que parece, único exemplar do já citado romance. Ambos estudiosos moravam no Rio de Janeiro, e é Almeida quem faz chegar às mãos de Moraes Filho “fotocópias do exemplar que ele adquirira anos antes em um sebo, no

Rio”. (GOMES, 2022, p.295). Posteriormente, em 1975, Almeida devolve o romance ao governo do Maranhão para que seja reeditado.

Entusiasmado com toda sua pesquisa, Nascimento Morais Filho consegue reposicionar Maria Firmina dos Reis junto à historiografia crítica literária, denominando-a a primeira romancista do Brasil. Isso significa que *Úrsula* é o primeiro romance a ser escrito por uma mulher. Mas não só isso: a escritora é uma mulher negra, nordestina, cujo discurso abolicionista para a época em si já é um feito extraordinário, algo também pontuado por Nascimento Morais Filho.

Ciente da grandiosidade de seu feito, o poeta maranhense convoca várias pessoas para compor o que denomina “Equipe da Boa Vontade” a fim de organizar o Sesquicentenário de Maria Firmina dos Reis, o qual foi celebrado em 11 de outubro de 1975⁶ simultaneamente em São Luís (MA) e em Guimarães (MA), compreendendo muitas atividades e homenagens, dentre elas a emissão de um carimbo comemorativo pelos Correios. No mês seguinte, em 11 de novembro, a programação das atividades continuou em São Luís, como a inauguração do busto da autora na Praça do Panteon e a publicação da 2ª edição de *Úrsula*. O ano de 1975 também coincidiu com a comemoração do Ano Internacional da Mulher.

O apoio cultural e financeiro proveniente do governo de Osvaldo da Costa Nunes Freire é fundamental não só para que as atividades do Sesquicentenário aconteçam em 1975, como também para a publicação de *Úrsula*, organizada por Morais Filho e reeditada em um formato fac-similar, contendo inclusive um prólogo de Horácio de Almeida, que dentre suas muitas passagens interessantes, ressalta a importância do trabalho do pesquisador maranhense:

Quem muito vem trabalhando para perpetuar a sua memória na terra natal é o acadêmico Nascimento Morais Filho, que não descansa na tarefa de reunir fragmentos para um volume da obra completa da autora, em edição atualizada. O exemplar único do romance *Úrsula*, existente em meu poder, vai voltar ao Estado de onde saiu. É um prazer que tenho em presentear essa preciosidade bibliográfica ao Maranhão, na pessoa do Governador Nunes Freire, que lhe dará o destino competente. (ALMEIDA *apud* REIS, 1975, p.VIII).

⁶ Em suas pesquisas, Nascimento Morais Filho comprova que a data de nascimento de Maria Firmina dos Reis é 11 de outubro de 1825. Esta data é ratificada pela recente pesquisa do autor Agenor Gomes em seu livro *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. (vide as referências deste ensaio.)

O dia 11 de novembro de 1975 culmina com a inauguração do busto da escritora na Praça do Panteon e na distribuição de trezentos exemplares da edição fac-similar do romance *Úrsula*. Foi sem dúvida um dia especial:

O discurso de Nascimento Morais Filho abriu a solenidade. No ato, o pesquisador fez a doação do diário de Maria Firmina dos Reis ao Estado do Maranhão, entregando-o ao governador Osvaldo Nunes Freire, médico, negro, que ascendera ao cargo de governador naquele ano. Horácio de Almeida, por sua vez, efetivou a doação do único exemplar de *Úrsula* ao Estado do Maranhão, na pessoa do governador. [...] Sem distribuição nas livrarias de São Luís ou de outras cidades, a edição fac-similar de *Úrsula* ficou circunscrita à distribuição de 300 exemplares durante a inauguração do busto da escritora. [...] (GOMES, 2022, p.298; 304)

O mês de janeiro do ano de 1976 também é singular: publica-se, finalmente, o livro-pesquisa de Morais Filho, *Maria Firmina - Fragmentos de uma Vida* (embora na 1ª edição conste 1975), e a 2ª edição, fac-símile, de *Cantos à Beira-Mar* (1871), o livro de poemas de Maria Firmina, ambos sob o patrocínio do governo do Estado do Maranhão. Em maio de 1976 o governador Nunes Freire promulga a lei de nº3.754 que institui o Dia da Mulher Maranhense em 11 de outubro.⁷

Estruturação do livro *Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida*

A seguir, explicaremos como está estruturado este livro importantíssimo e que até hoje se apresenta como pioneiro para qualquer pesquisador de Maria Firmina dos Reis, no qual, diante de um extenso recolhimento de material, Nascimento Morais Filho refaz o trajeto da vida e obra da autora. Seu livro-pesquisa, *Maria Firmina - Fragmentos de uma Vida*, está dividido em 13 partes:

1) **Introdução:** aqui o autor explica como se deu sua pesquisa, fundamentando seus argumentos sobre pesquisa literária e o papel do pesquisador, citando críticos literários como Ezra Pound e Afrânio Coutinho e passando pelo relato da dificuldade de se resgatar a produção literária maranhense;

⁷ Esta data será alterada em 2017 para 11 de março, por meio da Lei nº 10.763 promulgada pelo então governador do MA Flávio Dino.

2) **Apreciações críticas:** Morais Filho mostra os textos de recepção crítica coletados em periódicos do século XIX. São quatro textos que enaltecem *Úrsula* e um que se refere aos poemas de Firmina.

Nessas apreciações críticas coletadas por Morais Filho não aparece nenhum texto que possa denegrir ou subestimar a escrita de Firmina como algo fútil, inútil ou dispensável apenas por ser mulher. Essa atitude imparcial da crítica do século XIX, praticada pela pena masculina para com um romance escrito por uma mulher, é de fato surpreendente.

3) **Síntese bibliográfica:** neste capítulo Morais Filho nos dá a biografia e bibliografia da autora; mas não só isso. Ele a situa tanto no âmbito da cultura maranhense quanto no da Literatura Brasileira. É aí que já visualizamos *Úrsula* (1860) como o primeiro romance escrito por uma mulher, estabelecendo Maria Firmina como a primeira romancista do Brasil bem como a primeira mulher a escrever um romance pertencente à estética romântica no Brasil. O pesquisador também coloca *Gupeva* (conto publicado em 1861, em folhetins) como o segundo texto indianista da Literatura Brasileira (o primeiro é o romance *O Guarani* de José de Alencar, publicado em 1857) e posiciona a autora do conto *A escrava* (1887) como a primeira mulher a escrever um texto de ficção abolicionista brasileira;

4) **Cantos à beira-mar:** aqui Morais Filho reúne alguns poemas de Maria Firmina que havia encontrado na época da pesquisa, novamente em periódicos do século XIX (*Eco da Juventude*, *Semanário Maranhense*, *A Verdadeira Marmota* e *Almanaque de Lembranças Brasileiras*), e que datam da década de 1860. São eles: “Poesia”, “Minha vida”, “A uns olhos”, “Uma hora na vida”, “Não me ames mais”, “Por ver-te”, “Saudades”, “A Constância”, “Dedicação”, “Ao amanhecer o pôr do sol”, “A vida”, “Não me acreditas!”, “Amor perfeito”, “Elvira”, “Hosana”, “T...”, “O canto do Tupi”, “Meditação” e “Aventura”;

5) **Outros acordos:** neste capítulo há mais 8 poemas que foram coletados de outras fontes, no caso os jornais e semanários maranhenses *Revista Maranhense*, *O País*, *A Pacotilha* e *O Federalista*. Esses poemas foram publicados entre 1885 e 1903. É importante ressaltar que muitos desses periódicos do século XIX já se encontram parcialmente ou totalmente digitalizados. Existe atualmente um sítio online que comporta o acervo digital de muitas obras que integram a Biblioteca Pública Benedito Leite.

6) **Poemas em prosa:** nesta seção constam os textos “Meditação” e “Página íntima – um artigo das minhas impressões de viagem”, publicados respectivamente em *O Jardim dos Maranhenses* (25/11/1861) e em *O Domingo* (01 e 08/09/1872);

7) **Gupeva - romance:** o que Morais Filho chama de romance a crítica literária chama de novela literária. Mas ele se refere a *Gupeva* dessa forma pois o jornal *Eco da Juventude*, na época de sua publicação, o chamou de “romance brasileiro”. Nesta parte da pesquisa reproduz-se integralmente a novela indianista, composta de 5 capítulos (em torno de 18 páginas);

8) **A escrava – conto:** nesta parte também se reproduz integralmente o texto ficcional abolicionista, fazendo-se referência ao número 3 da *Revista Maranhense*, revista mensal onde o conto foi publicado (em torno de 11 páginas);

9) **Enigmas:** Morais Filho encontrou 11 textos em versos de Maria Firmina publicados em periódicos ao longo da década de 1860 que ele denominou de enigmas. Os periódicos *A Verdadeira Marmota*, *O Jardim dos Maranhenses* e *Almanaque de Lembranças Brasileiras*, no entanto chamavam esses textos de charadas. São textos curtos, simples e cujos conteúdos se dirigem a procurar respostas para adivinhações românticas e devaneios. Segue o texto abaixo, publicado em 30 de setembro de 1861 em *O Jardim dos Maranhenses*, como exemplo:

Se queres saber a história
Pega no livro. – E depois?
Relativo e conjunção
Dirão todos que vós sois.

Traste mimoso e gentil,
A que as belas valor dão,
Quantos importunos lhes falam
Acham nele distração.
(REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.129)

10) **Álbum:** nesta parte da pesquisa, Morais Filho reúne restos de textos que integravam os diários íntimos de Maria Firmina, os quais obteve junto ao filho adotivo da autora, sr. Leude Guimarães. Este relata o seguinte:

Quando vim para São Luís, depois de sua morte, [...] trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde

havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram de recordação os restos desse álbum, que encontrei pelo chão. (GUIMARÃES *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.203)

Em geral são textos com impressões melancólicas sobre a vida, lembranças sobre pessoas queridas e de convívio próximo, registros de viagens, nascimentos, mortes e até um texto autobiográfico, conforme consta neste trecho datado de junho de 1863:

De uma compleição débil e acanhada eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e por consequência, melancólica: uma espécie de educação freirática veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna eu só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha avó cultivava com esmero talvez; por isso eu tanto ame as flores: foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã...minha terna irmã, e uma prima querida foram as minhas únicas amigas de infância, e nos seus seios eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; porventura sem causa, mas já bem profundos. (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.143)

11) **Composições musicais:** Moraes Filho defende que Maria Firmina tem uma grande importância para a cultura maranhense, sendo a primeira mulher folclorista e compositora de letra e música para auto de bumba meu boi, hinos, uma valsa e canções populares. Nesta parte da pesquisa ele conseguiu reunir tanto fragmentos quanto letras inteiras e partituras dessas composições musicais, as quais obteve por meio de entrevistas com várias pessoas em Guimarães, dentre elas a sra. Maria da Graça Miguez Dias e a sra. Júlia Moreira Miguez:

Para gravar as músicas de Maria Firmina, Nascimento Moraes Filho contou com os compositores Antônio Vieira, Lopes Bogéa, Agostinho dos Reis e o maestro José Soeiro (Zequita), reunindo-os em São Luís para a gravação das músicas em fitas cassetes. O maestro José Soeiro desincumbiu-se de transpor todas as composições recolhidas para partituras, que foram publicadas nas páginas do *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. (GOMES, 2022, p.215)

Destas composições, reproduzimos abaixo a letra do fragmento do *Hino à libertação dos escravos*, escrito na ocasião do 13 de maio de 1888:

Salve Pátria do Progresso!

V. 13 n. 26 (2022) – Estudos Literários (seção temática e seção livre)

Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!
(REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.177)

Além do hino supracitado, constam também o já mencionado Auto de Bumba-meu-Boi, o *Boi Caramba* (afirmado por Morais Filho como “o mais antigo documento de Bumba-meu-Boi de nossa terra”); um fragmento do *Hino à Mocidade; Rosinha; Canto de Recordação; Versos da Garrafa* (uma valsa cuja letra é do poeta Gonçalves Dias e música de Maria Firmina) e *Pastor Estrela do Oriente* (um auto natalino).

12) **Documentos e notas:** esse é um capítulo importantíssimo do livro-pesquisa *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. Aqui Morais Filho relata, explica e mostra (por meio de fotocópias) como realizou sua coleta de dados, como chegou a documentos originais, como checkou as informações obtidas e como se deram as entrevistas com as pessoas que conheceram e/ou conviveram com a autora. Questões biográficas como certidão e lugar de nascimento, processo de aposentadoria, descrições físicas e psicológicas são elucidadas nesta parte. E sobre a fisionomia de Firmina, que depois foi eternizada em busto, o autor enfatiza claramente:

Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato-falado dos que a conheceram ao andar pela casa dos oitenta e cinco anos: rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; meã (1,58m mais ou menos), morena. Ao Flory Gama, notável escultor brasileiro que se reencontra depois de muitos anos, artística e sentimentalmente, com a terra berço na memória rediviva de Maria Firmina dos Reis, a Comissão deu-lhe a liberdade de concepção da figura homenageada. É uma imagem viva por ser espiritual, superior, portanto, a uma realização de feixe de traços mortos. (MORAIS FILHO, 1975, p. 263)

Mas é também nesta parte que Morais Filho defende a ideia de Maria Firmina ser a primeira romancista no Brasil, pois ele fez ampla pesquisa bibliográfica sobre um assunto que até hoje parece não haver consenso:

Se alguém quiser referir-se, assim mesmo acidentalmente, à Teresa Margarida da Silva e Orta será apenas para lembrá-la como a primeira mulher nascida no Brasil a escrever um romance (ou novela), sublinhando-se, no entanto, que *Aventuras de Diófanos* (1777) pertence à literatura portuguesa. Até onde pude aprofundar minha pesquisa no plano nacional é Maria Firmina dos Reis a segunda mulher nascida no Brasil a publicar um romance – *Úrsula* – mas *Úrsula* é o primeiro romance da literatura brasileira escrito por mulher, e Maria Firmina dos Reis [...] conseqüentemente a primeira romancista da literatura verde-amarela. (MORAIS FILHO, 1975, p.206-207)

Nesta seção ainda encontramos o relato de Moraes Filho sobre como o romance *Úrsula* chegou até ele, conforme narramos no capítulo anterior: que ele recebeu fotocópias do livro enviado por Horácio de Almeida quando este morava no Rio de Janeiro, cujo contato havia sido feito anteriormente por intermédio de Antônio de Oliveira, amigo de ambos. Lembramos que Almeida era um escritor, jornalista, historiador e bibliófilo paraibano que pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e detinha o livro raríssimo com o qual se pôde realizar a edição fac-similar de 1975, financiada pelo governo do Maranhão.

13) *Finis coronat opus*: na última parte de sua pesquisa, Moraes Filho agradece a toda uma equipe que não mediu esforços e boa vontade para que todo esse trabalho fosse publicado e para que Maria Firmina dos Reis obtivesse, finalmente, seu devido lugar na literatura maranhense e brasileira. Destacamos seu agradecimento a Celso Coutinho,

que desde os primeiros momentos do nosso descobrimento de Maria Firmina dos Reis não mediu esforços para o mais retumbante êxito dessa jornada cívica que culminou com o haver ele conseguido do Poder Legislativo, encarnado na pessoa do digno Presidente, Deputado Alexandre Colares Moreira, os recursos financeiros para a confecção do busto de nossa conterrânea ilustre e também o projeto [...] considerando o dia 11 de outubro o DIA DA MULHER MARANHENSE. (MORAIS FILHO, 1975, p.242)

Moraes Filho agradece também ao escultor Flory Gama, autor do busto de Maria Firmina, a Horácio de Almeida “pelo seu espírito de renúncia” e a tantos outros que dedicaram seu tempo e vontade para que as comemorações do sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis pudessem acontecer.

Considerações finais

Fazer pesquisa em Literatura no Maranhão nunca foi fácil e até hoje ainda nos deparamos com a escassez de fontes bibliográficas seguras, edições esgotadas e que estejam em condições de serem manuseadas. Por isso, consideramos de uma coragem e de um empreendedorismo impressionantes a trajetória percorrida por Morais Filho no intuito de se dedicar à pesquisa literária escrita e oral em nossa terra. Ele nunca seguiu sozinho nessa empreitada. Qualquer leitor curioso disposto a folhear as edições de seus livros, há muito já esgotadas, verá agradecimentos nominais à colaboração de inúmeros profissionais como revisores, pesquisadores, ilustradores e financiadores (estes sempre ligados à Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Maranhão e ao poder público municipal), além dos jornais locais *O Imparcial*, *Jornal Pequeno* e *O Estado do Maranhão*, que formaram pontos de apoio e divulgação de seu trabalho até o fim de sua vida, em 2009.

A relação entre Nascimento Morais Filho e Maria Firmina dos Reis, que consideramos intrínseca, inquestionável e indissociável, só se percebe de forma muito restrita à pesquisa acadêmica, aos artigos, às dissertações e às teses. Quando a referida autora é veiculada na mídia, o nome de seu descobridor se perde e não compreendemos a razão desse apagamento. Em pleno século XXI, em 2022, no ano que celebramos o Bicentenário da escritora Maria Firmina dos Reis e o Centenário do escritor Nascimento Morais Filho, existe uma narrativa que deve ser resgatada por constituir-se em um capítulo fundamental para a história literária brasileira, além de estar associada aos próprios meandros e ética acadêmicas, que é a seguinte: Maria Firmina dos Reis, primeira romancista do Brasil, primeira escritora negra do Brasil, autora do primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, foi descoberta pelo escritor e pesquisador maranhense Nascimento Morais Filho em 1973. Devido a seu pioneirismo, aos inúmeros esforços de um pesquisador que lutou também para dar voz, vez e lugar a uma mulher negra não só no cenário intelectual maranhense mas junto ao cenário nacional, hoje podemos ter o privilégio de pesquisar, ler e estudar a vida e o legado que esta autora nos deixou.

REFERÊNCIAS

GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: AML, 2022.

MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Gráfica Gramada, 1975.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora Ltda., 1975.